

Desempenho industrial e progresso tecnológico: a indústria têxtil em São Paulo, 1928-37

Tatiana Pedro Colla Belanga

Mestre em Economia com especialização em História Econômica – UNESP;

Doutoranda em Economia Aplicada – História Econômica – UNICAMP.

A partir das análises realizadas neste artigo, resultados importantes contribuem para a historiografia econômica da década de 1930 no Brasil sobre a situação da indústria, em particular do Estado de São Paulo. A análise apresentada sobre o desempenho industrial do setor têxtil em São Paulo entre 1928 e 1937 revelou aspectos minuciosos com relação aos efeitos da crise de 1929 e da Grande Depressão.

O primeiro destaque vem da comprovação de crescimento para o setor industrial, no caso o têxtil, aqui apresentado, com períodos de acelerado crescimento, que variam um pouco, porém, da demarcação apresentada pela maioria dos autores clássicos e, refutam aqueles que contraditoriamente, afirmam a não existência de um processo de recuperação e aceleração da produção industrial.

O crescimento do número de fábricas, em conjunto com o do número de operários, representa a existência de um crescimento setorial, ou seja, expansão da indústria neste período específico de análise.

A hipótese de Furtado sobre o recurso inicial de recuperação da indústria nos anos 1930, baseado, inicialmente, por ocupação de capacidade ociosa e maior utilização de capacidade produtiva parece fazer sentido para o setor têxtil.

A grande utilização de força motriz pelo setor de produção de tecidos de algodão, assim como o aumento de número de fábricas no setor, mostra que as instalações de novos estabelecimentos, provavelmente implicavam em empreendimentos de grande porte, com grande capacidade produtiva, acrescentando ao cenário o contínuo acréscimo de número de operários pós-1930.

Previamente, esses dados em conjunto, não só apontam para uma confirmação do crescimento industrial durante grande parte da década de 1930, como também, preliminarmente, no setor específico de algodão (um dos mais significativos da indústria como um todo no Estado de São Paulo), indica um crescimento baseado em aumento conjunto de número de fábricas, força motriz e número de operários, ou seja, como proveniente de uma expansão física, com a utilização da mesma tecnologia, sem a presença de um aprimoramento das técnicas de produção.

“[...] anulada a concorrência e assegurado o privilégio, conseguiram as fábricas, de 1930 a 1938, dobrar a produção de tecidos de algodão. Mas como lhes era infenso importar novas máquinas, limitaram-se elas, a concertar o velho equipamento que se desgastava pela dupla ação do uso e do tempo, comprando, para tanto, acessórios como até nunca o haviam feito e, assim, impedindo que se paralisassem suas atividades.” (Vicenzi, 1944).

O aparecimento de novas fábricas, principalmente no setor produtor de juta, pode representar a tendência identificada por Barros & Graham (1981) de crescimento com desconcentração da indústria.

O setor têxtil, dada a situação anteriormente crítica que se encontrava, acumulou o efeito da Grande Depressão resultando em uma queda expressiva do valor da produção equivalente a 30% em termos reais entre 1928-31. Entre 1931-32, porém, já iniciava o

processo de recuperação, que, apesar de expressivo se pensado como crescimento ocorrido em seis anos (1931-37), superou o valor inicial de 1928 em apenas 4% em 1937.

A discrepância do resultado em termos do crescimento do valor da produção quando comparado aos dados apresentados por Suzigan (1971) é enorme. A explicação plausível para tal está relacionada à flutuação dos preços têxteis (tecidos de algodão) muito maior do que o deflator geral para a indústria.

Ao deflacionar o valor da produção da amostra pelo índice de preços de tecidos de algodão (de maior representatividade), chega-se a resultados mais satisfatórios.

A taxa de crescimento real para o período 1928-37 totaliza 24%. Entre 1933-37, atribui a amostra têxtil um crescimento de 5,3% ao ano, resultado este que se aproxima da taxa anual de crescimento de 6,5% do setor têxtil entre 1933 e 1939 apresentado por Suzigan (1971).

Considerando as quedas anuais consecutivas de 17,1% e 19,7% entre 1928-29 e 1929-30, o desempenho total da amostra, apesar das possíveis distorções, dever ser considerado positivo e satisfatório ao apresentar uma taxa de crescimento de 2,7% ao ano entre 1928-37.

Até 1930, a queda do número de operários para o setor, não acompanhada de uma diminuição da quantidade de força motriz instalada apresenta dois aspectos particulares: o desemprego de considerável porcentagem da população empregada na indústria paulista da época (só na amostra do setor têxtil são cerca de 22.384 operários dispensados entre 1928-30); a confirmação de que o início da recuperação deu-se baseada na utilização da capacidade ociosa existente.

O crescimento e desempenho favorável verificado, no entanto, é quase que inteiramente explicado pela capacidade do setor têxtil, principalmente de tecidos de algodão em manter-se lucrativo através da intensa utilização do equipamento produtivo existente. Complementando assim, a suposição de Stein (1979) de que a restrição de importação de máquinas têxteis tornou mais lenta a expansão da indústria têxtil de algodão.

Os lucros que a indústria de tecidos provia ao grupo de empresários que a exploravam deram a impressão errônea no que diz respeito ao valor econômico real do parque industrial paulista. O estado de desgaste das máquinas e equipamentos arcaicos em fins da década de 1930 do setor têxtil não representava, portanto, a base na qual o crescimento industrial paulista pôde vir a ser caracterizado como o de grande impulsor do processo de industrialização brasileiro.

Finalmente, o cálculo da TFP, ou medida do progresso técnico, vem a confirmar a base de crescimento do setor, lembrando que este manteve-se por muitos anos sob a proteção governamental, e muito provavelmente, o interesse em termos de melhorias técnicas foi reduzido.